

# **El que no salta es gorila: la memoria de las izquierdas sobre los Mundiales de Fútbol en dictadura (Brasil 1970, Argentina 1978).**

Goncalves Magalhaes Livia.

Cita:

Goncalves Magalhaes Livia (2015). *El que no salta es gorila: la memoria de las izquierdas sobre los Mundiales de Fútbol en dictadura (Brasil 1970, Argentina 1978)*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/817>

**Título: Quem não pula é gorila: a memória das esquerdas sobre as Copas do Mundo de Futebol na ditadura (Brasil 1970, Argentina 1978)**

Autora: Lívia Gonçalves Magalhães

Intituição: Universidad Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

E-mail: [liviagm@yahoo.com.br](mailto:liviagm@yahoo.com.br)

**Resumo:**

Muito já foi debatido e pesquisado sobre a memória dos últimos regimes ditatoriais na América Latina, assim como a relação entre o futebol e a política na região. Entretanto, ainda restam muitas questões a serem pensadas. A proposta desta comunicação é, a partir do futebol, compreender algumas questões das sociedades brasileira e argentina e suas relações com o autoritarismo, questionando a dicotomia comum apoio/resistência como eixo para a análise do período. O futebol é tradicionalmente visto como um espaço de identidade e união nacional, e eventos como as Copas do Mundo costumam ser pensados como espaços de apoio às ditaduras. Porém, neste caso a proposta é trabalhar tais eventos como espaços de tensões em que as esquerdas do Brasil e da Argentina não conseguiram definir uma posição única em relação ao evento: comemorar a Copa é comemorar a ditadura? Ao mesmo tempo, é também uma oportunidade para pensar as tensões nas esquerdas e suas interpretações e ações, da mesma forma que pensar ambas as ditaduras a partir de um olhar comparativo. A memória sobre as Copas do Mundo sob ditadura nos ajudam a compreender as múltiplas percepções que existiam entre as oposições aos regimes, que estavam distante de um olhar único.

Palavras chave: Ditaduras, Copas do Mundo, Brasil, Argentina, Esquerdas.

**Resumen:**

Mucho ya se ha debatido e investigado sobre la memoria de los últimos regímenes dictatoriales en Latinoamérica, así como la relación entre el fútbol y la política en la región. Sin embargo, quedan muchas cuestiones por pensar. La propuesta de esta comunicación es desde el fútbol comprender algunas cuestiones de las sociedades brasileña y argentina y sus relaciones con el autoritarismo, cuestionando la común dicotomía apoyo/resistencia como eje de análisis del período. El fútbol es tradicionalmente mirado como un espacio de identidad y unión nacional, y los eventos como el Mundial de Fútbol suelen ser pensados como espacios de apoyo a las dictaduras. Sin embargo, en esta instancia la propuesta es trabajar a dichos eventos como espacios de tensiones en que las izquierdas de Brasil y Argentina no lograran una posición única frente al evento: ¿celebrar el mundial es celebrar la dictadura? A su vez, es también una oportunidad para pensar las tensiones en las izquierdas y sus interpretaciones y acciones, así como pensar ambas dictaduras desde una mirada comparativa. La memoria sobre los Mundiales bajo dictadura nos ayudan a comprender las múltiples percepciones que existían entre las oposiciones a los regímenes, que lejos estaban de una mirada única.

Palabras clave: Dictaduras, Mundiales de Fútbol, Brasil, Argentina, Izquierdas.

## **Apresentação**

Os grandes eventos esportivos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo da FIFA costumam ser marcados -e também deixam suas marcas- no contexto político em que estão envolvidos. A importância que tais competições ganharam ao longo de suas realizações fez com que as mesmas se tornassem não apenas um espaço de afirmação nacionalista, mas também de denúncias e boicotes políticos. Isso porque, seja em governos democráticos ou em autoritários, o objetivo maior do país sede é transmitir uma imagem positiva para o mundo. Tais eventos são uma janela para o organizador, que trabalha para definir o que deseja mostrar para os demais e é neste sentido que aparecem os boicotes e outros tipos de movimentos contestatórios, como uma denúncia desta imagem “fabricada”.

Nas décadas de 1970 e 1980, os boicotes políticos a eventos esportivos foram uma situação comum entre os países que participavam dos grandes eventos esportivos. Os dois casos mais emblemáticos foram o das Olimpíadas de Moscou, em 1980, quando os Estados Unidos liderou o boicote condenando a invasão soviética ao Afeganistão;<sup>1</sup> e as Olimpíadas de Los Angeles em 1984 quando foi a vez da URSS:

(...) em razão do boicote decretado pelo Presidente norte-americano Jimmy Carter (...) Leonid Brézhnev, (...) calçou seu embargo esportivo em várias desculpas ligeiras, como a falta de segurança da cidade, a ameaça à integridade física dos participantes, a incitação ao exílio de dissidentes e até a danosa poluição do ar no conurbano californiano. (VASCONCELLOS, 2011, p.79).

Outros exemplos que podem ser citados são: em 1976 os países africanos boicotam as Olimpíadas pela participação da África do Sul sob o regime do *apartheid*; no mesmo ano, a China Nacionalista não participou dos jogos no Canadá; em Seul 1988, a Coreia do Norte foi a líder do boicote, que incluiu também Cuba, Etiópia, Nicarágua e Albânia. Como os boicotes eram, principalmente, feito pelos Estados participantes destas competições, era importante para o *Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde en Argentine* (COBA) o apoio do governo francês, e de outros países participantes.

Esta comunicação é parte de minha tese de Doutorado intitulada “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”,<sup>2</sup> e irá trabalhar as diferentes manifestações dos que se opunham às ditaduras de Brasil e Argentina em relação às Copas do Mundo de 1970 e 1978, respectivamente. Durante tais eventos, o uso político da

---

<sup>1</sup> Entre os países que seguiram a decisão dos Estados Unidos estão: Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Noruega, Paraguai, Uruguai e Alemanha Ocidental.

<sup>2</sup> MAGALHAES, Lívia G. “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”. Tese de Doutorado defendida no PPGH UFF, Niterói, 2013.

competição pelas ditaduras foi e permanece sendo o principal tema de críticas. Neste comunicação, uma das questões de análise será sobre as ações durante o período da Copa da Argentina, quando manifestantes estrangeiros organizaram comitês de boicote ao redor do mundo. Veremos também o posicionamento dos que não entenderam que o boicote era a melhor opção: alguns por acreditarem que era um momento de festa, e que criticar seria reconhecer o que as ditaduras buscavam, a ligação entre a seleção e o regime. Alguns foram além, como a organização Montoneros, que viu na realização da Copa de 1978 uma oportunidade de colocar em prática a chamada *Contraofensiva*. No caso brasileiro, a questão do torcer ou não torcer também foi tema de discussão e conflitos entre opositores ao regime. Neste caso, veremos o exemplo dos que se colocaram a favor da torcida, criticando a ideia de que o futebol se limitava a ser objeto de uso o regime.

#### **D) Vamos ao boicote!**

As denúncias feitas contra a Copa do Mundo de 1978 eram originárias especialmente da Europa, onde as principais manifestações eram de grupos e partidos de esquerda. Neste sentido, cabe destacar que foi só a partir do golpe chileno de 11 de setembro de 1973 e a consequente repressão instalada naquele país que a América Latina entrou de fato na pauta de Direitos Humanos das organizações e partidos políticos de maior destaque de esquerda internacionais. (QUADRAT, 2008) Foi também um momento de mudança na política da ONU, que passou a olhar mais para os casos da América Latina além dos africanos e asiáticos.

Fundado no final de 1977 na França, o COBA era resultado da associação entre dois distintos grupos políticos de esquerda francesa. Por um lado estavam militantes mobilizados pela questão dos exilados argentinos e da crise política que vivia o país, que participavam do *Comité de soutien aux luttes du peuple argentin* (CSPLA), desde de 1975. Ou seja, que já participavam de ações de solidariedade antes do golpe de 24 de março de 1976.<sup>3</sup> Por outro lado, estavam os grupos formados por indivíduos focados na crítica histórica do uso do esporte, baseados principalmente nos casos da Copa do Mundo da Itália em 1934 e das

---

<sup>3</sup> As denúncias de violação de direitos humanos e os pedidos de solidariedade que hoje fazem parte do arquivo do COBA, sob a guarda da BDIC, se iniciam ainda no governo de Isabelita, principalmente a partir de 1975: “Hoje, sob o governo de Isabel Perón, essas mesmas forças aparecem abertamente como o braço armado da burguesia e do imperialismo. Suas ações complementam esses grupos paramilitares ou parapoliciais como a Aliança Anti Comunista Argentina (AAA) que semeia o terror na população. »*Argentine en Lutte* No. 0, Février – Mars 1975, .7. Cote : F Delta 1831. “Aujourd’hui, sous le gouvernement d’Isabel Perón, ces mêmes forces armées s’affichent ouvertement comme le bras armé de la bourgeoisie et de l’impérialisme. Leurs actions viennent compléter celles des groupes paramilitaires ou para-policiers comme l’Alliance Anti-Communiste Argentine (AAA) qui sème le terreur perme la population”.

Olimpíadas de Berlim 1936. (FRANCO, 2005) Além da Copa de 1978, os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 também aparecem como alvo de críticas e boicote.

As diferenças entre os dois grupos que inicialmente formaram o COBA aparecem nas diversas ações realizadas pelo Comitê. Ao mesmo tempo em que existiam divergências, essa combinação permitiu a pluralidade das suas atividades, o que ajuda a compreender a grande adesão que o grupo conseguiu, com mais de 200 comitês pela França. A diversidade torna-se, assim, um elemento fundamental das ações. Em relação à Copa de 1978, o COBA teve basicamente duas formas de atuação: a denúncia tanto da situação de violência política vivida pela Argentina como do uso político que o regime fazia do esporte. Dessa maneira, a principal reivindicação era a não realização do evento naquele país. Em um de seus documentos, o COBA cita as ações realizadas pelo Comitê:

-O chamado ao boicote do Mundial, que serviu de plataforma de campanha COBA, reuniu cerca de 150 mil assinaturas após registrar a adesão das personalidades mais diversas.

-200 COBA foram formados em toda a França e organizaram numerosas iniciativas, manifestações de rua, reuniões ... a nível local e regional.

-Os n° 3 e 4 do jornal " L'EPIQUE " feito pela COBA venderam mais de 120.000 cópias.

-Um rico material em informação áudio-visual (reportagem em vídeo, apresentações de slides), escrito (folhetos, jornais) e gráficos (cartazes, placa desenhos) foi realizado e amplamente divulgado.<sup>4</sup>

As ações do Comitê mostram o conflito em relação aos diferentes posicionamentos internacionais em relação às ditaduras latino-americanas. Enquanto as principais potências mundiais (incluindo a União Soviética) condenaram imediatamente o golpe chileno, a reação ao caso argentino foi lenta. No caso dos Estados Unidos, foi somente com a chegada e James Carter ao poder que as denúncias sobre a situação da Argentina passaram a ser tema na agenda do governo. Mesmo assim, são poucas as referências encontradas no material do COBA sobre o governo estadunidense.

O “silêncio” internacional em relação ao caso argentino foi tema constante nas denúncias do COBA. Os documentos destacam as boas relações comerciais e políticas de diversos países com a Argentina ao longo dos oito anos de ditadura. Um documento de 1981

---

<sup>4</sup> Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC.

“-L’appel au boycott du Mundial, qui a constitué la plateforme de la campagne du COBA, a recueilli environ 150.000 signatures après avoir enregistré l’adhésion de personnalités les plus diverses.

-200 COBA se sont constitués partout en France et ont organisé de nombreuses initiatives, manifestation de rue, meetings... a l’échelon local et régional. -Les No. 3 et 4 du journal « L'EPIQUE » réalisés par le COBA ont été vendus à plus de 120.000 exemplaires. -Un abondant matériel d’information audio-visuel (reportage vidéo, montage de diapositives), écrit (brochures, journaux) et graphique (affiches, plaquette de dessins) a été réalisé et largement diffusé”.

aponta, por exemplo, a URSS, os Estados Unidos e Cuba, que não consideravam as denúncias feitas pela OEA de 1979:

Si la actitud de cubanos y soviéticos con relación a la Argentina no puede llamar la atención, por el contrario sorprendería a los observadores la del nuevo gobierno socialista francés. Después de resolver el no cumplimiento de todos los contratos existentes con Chile, decidía cumplir con todos los concluidos con el gobierno militar argentino. En esta forma parecía calificar de diferentes maneras las violaciones de los derechos humanos en ambos países.<sup>5</sup>

O caso do francês é amplamente criticado: um governo de caráter socialista, mas que mantém as relações com a ditadura argentina. Nos documentos, aparecem muitas denúncias sobre a venda de armas pelo governo francês (Valéry Giscard d'Estaing, 1974-1981) ao governo do *Processo* e outros interesses comerciais: “Sem dúvida, é pelos interesses importantes que o grande capital francês tem na Argentina que o governo de Giscard tem sido tão "simpático" à ditadura argentina, apesar da prisão arbitrária, da abdução ou "desaparecimento" de 19 cidadãos franceses”.<sup>6</sup>

Uma das principais críticas era em relação ao posicionamento dos Partidos Comunistas, o argentino e o francês, que, segundo o COBA, viam Videla como “moderado”, e uma opção única para evitar o “pinochetismo” na Argentina. Assim, o Comitê não poupou acusações de que o PCF não participou do boicote à Copa porque seria o mesmo que boicotar ao presidente argentino: “apoiar as posições adotadas pelo movimento comunista internacional ligado à URSS, junto a Videla, apresentado como o líder da tendência militar "anti fascistas e liberal””.<sup>7</sup> Segundo o COBA, a URSS foi um importante apoio argentino, que inclusive evitou durante um tempo que na ONU fossem feitas denúncias formais contra o país.

É preciso pensar o COBA dentro do contexto europeu, que naquele momento também vivia as denúncias ao autoritarismo da Cortina de Ferro da Europa Oriental. No entanto, em determinados momentos, o próprio COBA negligenciava o caso de outros países, como por exemplo, o brasileiro. O foco na situação argentina era tal que alguns documentos mostram que membros do COBA consideravam uma possível mudança de sede para o Rio de Janeiro

---

<sup>5</sup> *Argentina Hoy* No. 01, 30 septiembre 1981, p. 6. Cote: F Delta 1831.

<sup>6</sup> Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. No caderno de imagens está a lista dos franceses presos divulgada pelo COBA. “C’est sans doute à cause des intérêts importants qu’à le grand capital français en Argentine que le gouvernement Giscard s’est montré si « compréhensif » envers la dictature argentine, malgré l’arrestation arbitraire, l’enlèvement ou la « disparition » de 19 ressortissants français”.

<sup>7</sup> Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. “les positions de soutien, adoptées par le mouvement communiste international lie à l’URSS, à l’encontre de Videla, présenté comme le chef de la tendance des militaires “antifascistes et libéraux””.

como algo positivo: “É possível que a FIFA decida, em março, organizar a Copa no Brasil” (...) “A Copa no Rio: Uma bela vitória!”.<sup>8</sup>

Entre os que se recusaram a participar e divulgar o boicote estava o principal jornal esportivo francês, o *L'Equipe*. No dia 13 de dezembro de 1977, o jornalista Jacques Ferran publicou em sua coluna as justificativas de tal negativa. Além de afirmar que esporte e política não devem se misturar, o texto levanta outra questão: “E se não vamos Argentina, por esta e aquela razão, para onde iremos, eu lhe pergunto? Onde, em um mundo cada vez mais cruel e arbitrário, faremos estas grandes reuniões de pessoas, como eventos esportivos internacionais?”<sup>9</sup>

Outra questão que representou conflitos para os integrantes do COBA foi a pouca adesão de argentinos exilados à ideia do boicote. A Copa do Mundo foi um momento de tensões para o exílio, marcado basicamente por:

dos posiciones fundamentales: una la de los que estaban por el boicot al Mundial, pensando que el hecho de publicitar el boicot iba a permitir aclarar, difundir la situación argentina; y los que pensaban que el pueblo argentino quería ver el Mundial, que iba a ser antipopular, y que justamente se iba a usar como parte de ese fantasma de la “campana antiargentina” el hecho de que hubiera argentinos en el exterior dificultando el Mundial, diciéndole a la gente que no compre los pasajes, que no viniera a la Argentina, en fin, esas fueron fundamentalmente las dos posiciones.<sup>10</sup>

No entanto, esse conflito não foi específico do exílio francês. Em outros centros, como México e Espanha, os argentinos também se encontraram na situação de decidir como se posicionariam em relação à Copa na Argentina. No México, como veremos a seguir, a maioria dos exilados entendeu que a realização do evento era inevitável, e por isso a melhor opção era aproveitá-la. Na Espanha e na França as tensões com grupos de boicote locais foram mais fortes. Segundo aponta Marina Franco:

Estas diferencias pueden explicarse, en parte, por el peso de los núcleos partidarios exiliados en cada uno de los tres destinos, en particular Montoneros y diversos grupos peronistas –muy

---

<sup>8</sup> *COBA: documents internes*. Textes originaux publiés par le COBA durant la campagne, Cote : F Delta, 1831. “Il est possible que la FIFA decide, en mars, d’organiser la coupe au Bésil!” (...) “La Coupe à Rio: Une belle victoire!”. Chama atenção o fato de como não foi considerado, ou pelo menos não citado, que o Brasil também vivia uma ditadura. Apesar de ter sido denunciada na ONU apenas em 1979, a ditadura brasileira naquele momento já havia expulsado do país milhares de opositores, que no exílio também denunciavam os crimes no país.

<sup>9</sup> *L'Equipe*, 13/12/1977, Fundo COBA Cote : F Delta 1831, BDIC. “Et puis, si nous n’allons pas en Argentine, pour telle et telle raison, où irons-nous, je vous le demande ? Où, dans un monde de plus en plus impitoyable et déchiré, abriterons-nous ces derniers grands rassemblements de peuples que sont les manifestations sportives internationales?”.

<sup>10</sup> Memoria Abierta, *Testimonio de Rodolfo Mattarollo*, Buenos Aires, 2003.

presentes y organizados en México por ejemplo—, cuyas posiciones contra el boicot pueden haber tenido más peso sobre el colectivo de exiliados activos. Pero la diferencia remite, fundamentalmente, a otra dinámica central que nos interesa considerar aquí: la especificidad característica de cada sector de exiliados como un aspecto modelado en la interacción con cada sociedad de acogida. En los países de acogida europeos donde el boicot creció rápidamente como proyecto político, los exiliados argentinos se vieron confrontados al problema, y si bien la mayoría conservó la ambivalencia señalada, también surgieron núcleos favorables. A su vez, en el espacio específicamente francés, el alcance público de la campaña debe haber generado mucha mayor presión sobre los residentes allí argentinos y un mayor involucramiento frente a la situación. (FRANCO, 2005, p.6)

Nos documentos do COBA encontramos correspondências entre membros organizadores e grupos de exilados, geralmente marcados pela discussão do não posicionamento dos argentinos. Para os franceses, era difícil entender justificativas como “o futebol é maior que a ditadura” ou “a população não vai ver com bons olhos”. Tampouco foram muito insistentes em relação a participação de argentinos no boicote. De fato, uma das marcas do movimento foi sua forte relação com a própria realidade francesa, e nesse caso significava a necessidade da adesão de locais, exigindo um posicionamento do governo e até da própria seleção nacional.

Entretanto, se o boicote em si não foi concretizado, as diversas manifestações e denúncias, e o próprio debate, foram importantes para os grupos envolvidos com a questão das violações de direitos humanos na Argentina. Como mostram os documentos nos arquivos do COBA, as atividades pós Copa do Mundo foram tão importantes quanto o próprio evento, considerado um êxito por ter colocado o país no centro das discussões políticas dos principais países europeus e dos Estados Unidos. Assim, conseguiu-se chamar a atenção de importantes organizações como a ONU e a OEA para o caso argentino.

Portanto, para os integrantes do COBA a campanha do boicote foi positiva por ter incluído a situação argentina na agenda internacional, incluindo grupos que já se organizavam dentro do país. O caso mais emblemático foi o das Mães da Praça de Maio, que mantiveram sua manifestação semanal na praça do governo mesmo com as visitas internacionais. Alguns jornalistas e atletas, informados pelas denúncias que eram feitas no exterior, foram assistir as estas *marchas*, o que significou para as integrantes da associação a primeira oportunidade de denúncia internacional da situação que viviam. (LLONTO, 2005)

Outro ponto interessante é como se relacionava a sociedade francesa com estas novas formas de autoritarismo que eram as ditaduras latino-americanas. Ainda com as referências do passado recente do período do nazi-fascismo e das Grandes Guerras Mundiais, o imaginário francês e europeu de um modo geral tinha a realidade europeia como eixo de



leitura dos casos de Chile, Argentina e etc. Assim, era natural classificar tais ditaduras como fascistas, utilizar conceitos como “solução final” e até mesmo comparar a Copa com o caso dos eventos de 1934 na Itália e os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim.

Chama a atenção o próprio conflito cultural entre a sociedade francesa e os argentinos exilados. Além da própria situação que é viver o exílio, neste caso para muitos incluindo a dificuldade do idioma, a resistência argentina em apoiar o boicote foi um ponto de conflito e de bloqueio nas relações com os grupos políticos franceses. Assim, sobressaía a dificuldade dos franceses em entender a resistência argentina:

El foot, en todo el mundo, es una pasión: de derecha, de izquierda, de generaciones, y fue muy difícil de dejar la Junta con “la Coupe, la Coupe, la Coupe”, con cárceles clandestinas, tortura, desaparición. Y fue difícil pq en el exilio la mayoría de los exiliados argentinos, de todas tendencias, PRT, Montoneros, otros, más o menos todos estaban en contra hacer el boicot, por el boicot. Por diversas razones, dicen que el pueblo no comprende, el pueblo argentino; hubo otro argumento, era de decir que es muy importante que viene la prensa internacional con la Coup para ver la situación. No. La Junta muy bien organizada. El foot es una pasión, ne regard pas côtes. (...) Para los franceses no es posible por 2 razones: la primera es que la Junta hace una manipulación de comunicación; la segunda es que en Francia esa época es una lucha para encontrar la feliz del foot.<sup>11</sup>

Logo, para a oposição à ditadura, as Copas trouxeram um novo tema para o debate: como lidar com o fato de que a vitória e o evento serão utilizados pelo regime a seu favor? Isto implica necessariamente negar e se opor, ou seja, significa não torcer pela seleção nacional?

## **2. De quem é a Copa? Ela é do povo!**

Independente de suas posições políticas e seus lugares sociais, a maioria dos brasileiros e dos argentinos compartilhava a paixão pelo futebol. A ânsia por mais um título no Brasil, e o primeiro na Argentina, era anterior à questão política em que ambos estavam envolvidos, e a sonhada conquista coincidiu com o momento de militância em que estas pessoas estavam envolvidas. Logo, era praticamente impossível não discutir e problematizar o significado tanto das vitórias como do lugar do torcedor.

---

<sup>11</sup> Memoria Abierta, *Testimonio de Louis Joinet*, Buenos Aires, 2007.

No caso brasileiro, Eduardo Roberto da Silva,<sup>12</sup> por exemplo, percebeu que a Copa do México era um bom momento para denunciar as ações do governo para capitalizar a vitória a seu favor:

Eu, particularmente –não com a turma da faculdade, mas com os colegas que eu tinha do ensino médio- a gente participou, não vou dizer de um movimento, mas tinha um esquema assim, de panfletagem, denunciando o governo na utilização dos feitos do esporte nacional para, como eu te disse, encobrir certas coisas do regime.<sup>13</sup>

Neste sentido, a denúncia envolvia o uso da Copa por parte do regime, e não uma crítica ou reflexão sobre o papel do esporte na sociedade. Questionado sobre se esta panfletagem foi durante a Copa, Eduardo Silva negou com firmeza: “Durante a Copa a gente tava torcendo!”. A resposta do entrevistado é exemplo do posicionamento dos que defendiam o *direito de torcer*: era preciso separar o futebol do uso que se fazia dele.

Quem também concorda com esta visão é o jornalista esportivo Juca Kfourri. Na época da Copa de 1970, Kfourri estava cursando o primeiro ano da faculdade de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo (USP), mas já era repórter da revista *Placar*. O jornalista relembra como foram as tensões em sala de aula em relação ao torcer ou não pela seleção na Copa:

Numa bela noite, numa segunda-feira, nunca me esqueço, o professor de Sociologia I, (...) marca uma prova para quarta-feira. Eu levanto a mão e digo: “Professor, tem Brasil e Romênia, professor”. E a minha classe vai. Vivíamos aquela situação: “cada gol do Brasil atrasa em dez anos a revolução brasileira”.<sup>14</sup>

Naquele tempo, segundo informa o próprio entrevistado, Kfourri era listado como apoio da Aliança Libertadora Nacional (ALN, um dos grupos de luta armada do período), mas não atuava na organização. Seus colegas da aula de Sociologia eram o que ele mesmo indicou como “determinado setor da esquerda brasileira”. Numa autocrítica sobre seus próprios preconceitos em relação a esta “esquerda acadêmica”, o jornalista relembra que anos depois reencontrou o mesmo professor, que então o questionou por sua própria postura dentro da faculdade. Segundo ele, o próprio Kfourri não falava de futebol naquele espaço, que entendia não ser o lugar para este tipo de relação, ou seja, perpetuando ele também esta ideia de dissociação entre intelectuais e o futebol.

---

<sup>12</sup> Eduardo Roberto da Silva é diretor do Colégio Oswald de Andrade, em São Paulo, e foi indicado como referência para este trabalho pelo professor Plínio José Labriola de Campos Negreiros, da Universidade de São Paulo, por sua militância estudantil durante a ditadura.

<sup>13</sup> Eduardo Roberto da Silva. Entrevista concedida à autora em 27/07/2012, São Paulo.

<sup>14</sup> Juca Kfourri, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

Durante a primeira partida do Brasil na Copa, contra a Tchecoslováquia, Kfourri recebeu uma ligação informando que seu primo havia se suicidado em um quarto de hotel.<sup>15</sup> Transtornado, o jornalista confessa que, por um momento, questionou os momentos de euforia enquanto ocorriam torturas, prisões e desaparecimentos. Ou seja, por mais que sua postura fosse crítica em relação ao tradicional futebol como *alienação das massas*, o próprio jornalista também se encontrou em algum momento frente a este tipo de questionamento:

No mesmo tempo que eu prometi que eu ia matar o Fleury, eu disse que não ia confundir as coisas. (...) Não vou deixar a ditadura levar até aquilo que eu tenho de mais íntimo (...). Nós vamos permitir que a ditadura nos usurpe até isso, até as coisas mais recônditas que a gente tem? Não pode mais curti-las porque identifica com a ditadura?<sup>16</sup>

Em seu depoimento para a autora, o professor e pesquisador Daniel Aarão Reis Filho também ponderou sobre a dificuldade de tomar uma posição neste debate, “não era tão fácil tentar dissociar”.<sup>17</sup> Afinal, por mais que alguns tivessem claro que não só o futebol, mas momentos de comemoração e manifestações populares em geral, eram anteriores à própria ditadura e parte da cultura do país, e portanto, era de se esperar que na procura por algum tipo de consenso ou construção de uma imagem positiva do regime o mesmo utilizasse tais momentos e procurasse criar esta associação. A questão era, portanto, como separar as *paixões nacionais* de um determinado projeto que também entendia que as mesmas eram parte de seu discurso.

Recluso na prisão em Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro, durante a primeira fase da Copa, Daniel Aarão relembra que os presos solicitaram ao diretor que lhes fosse disponibilizada uma televisão para acompanhar os jogos da seleção. Neste ambiente, surgia uma questão que era comum em diversos círculos sociais: torcer pela seleção é torcer pela ditadura? Aarão comenta que a questão não era tão simples, que envolvia posições diversas: “Em relação à Copa havia muitas contradições entre os presos. Vários sustentavam que nós deveríamos ter uma posição contra, torcer contra a seleção do Brasil. Porque eles viam, com certa razão, que a ditadura poderia capitalizar a vitória da seleção”.<sup>18</sup>

A experiência de Reis é interessante para pensar tais contradições e discussões entre os indivíduos das organizações armadas. Segundo ele próprio, as posições nem sempre eram

---

<sup>15</sup> Ao longo da entrevista Juca Kfourri não citou o nome de seu primo, porém, afirmou que na verdade a morte havia sido por torturas e o corpo deixado em um hotel na capital paulista simulando o suicídio.

<sup>16</sup> Juca Kfourri, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

<sup>17</sup> Daniel Aarão Reis Filho, entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 07/08/2011.

<sup>18</sup> Idem.

tão claras. Alguns não viveram o momento festivo também pela questão do trauma recente envolvendo suas prisões e torturas.

No Brasil a questão do torcer ou não torcer atravessou todas as organizações, porém sem que as mesmas emitissem uma posição oficial frente à Copa. As discussões existiam, mas eram individuais, cada um tinha seus argumentos e optou por como encararia aquele momento. Diferentemente, as organizações armadas argentinas emitiram oficialmente suas posições. A pressão internacional que envolvia a questão da sede na Argentina foi um fator importante para isto. Afinal, a organização e a realização do evento pelo autodenominado *Proceso de Reorganización Nacional* passou a ser tão questionada que alguns realmente acreditavam na possibilidade de mudança da sede.

A atenção internacional que a Argentina recebeu foi vista como uma oportunidade para realizar diversos trabalhos de denúncia da situação do país. Para a organização Montoneros, era hora de:

prepararse para el Mundial, para que en las canchas se cante la Marcha Peronista; para juntarse en las canchas y pedir que abran las puertas en el segundo tiempo; para contarle a cuanto extranjero tengamos cerca lo que pensamos de Videla y Martínez de Hoz; para aprovechar el margen de legalidad y movilizarse por aumentos salariales, por la liberación de presos e aparición de los secuestrados, por la normalización sindical, para que el Mundial no sea un gran operativo de propaganda gorila sino un gran triunfo popular, en la política y en el fútbol. ¡Argentina campeón, Videla al paredón!<sup>19</sup>

E a Copa foi também um momento de esperança, tanto de alguma possível ação contra o governo como de encontrar nas transmissões algum companheiro clandestino nas plateias dos estádios. No exílio, a maioria afirma que acompanhou e torceu pela seleção, e, claro, que celebrou a vitória nas ruas. No México, alguns foram comemorar em frente à Embaixada Argentina aos gritos de “Argentina Campeón, Videla al paredón”. (FRANCO, 2008) De uma forma geral, para os que eram a favor da Copa o futebol era entendido como algo em uma esfera separada da política. Para os que se opunham, exatamente por seu peso político tal evento não podia ser deixado nas mãos do regime, e era uma oportunidade de manifestações e denúncias. E para outros, principalmente membros de grupos peronistas, o futebol era, de fato, um espaço de resistência, e a visão do povo manipulado pelo esporte era elitista e equivocada:

---

<sup>19</sup> Movimiento, número 5. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, janeiro 1978. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires.

(...) y yo plateé que no estaba de acuerdo con este posicionamiento que planteaba que todo el pueblo es un pueblo de imbéciles, que se ganaba la Argentina campeón del Mundial todos se iban a olvidar de lo que pasaba, que iban a salir a gritar “Viva Videla”, y que la instrumentación que hacía Videla, y que por supuesto hacia una instrumentación maléfica del Mundial de Fútbol era una historia. Y que había una historia popular que así como había otros países que habían tenido su Mundial de Fútbol... el pueblo argentino no iba a quedar atrapado ni engranado por si Kemps hiciese un gol o no hiciese un gol. O sea, que mi posición fue de esta perspectiva, reconociendo lo que hacía la Junta, de que había que tomar el Mundial de Fútbol sin tanto dramatismo, y si ganaba o perdía Argentina la gente iba a salir a la calle, iba a saltar de alegría y después iba a ir a su casa y va a seguir pensando que era una época de mierda.<sup>20</sup>

E foi a partir do México, onde estavam exilados os principais líderes da organização Montoneros, que a oposição resolveu agir. Considerando que “A 22 meses del crimen institucionalizado en el Estado, los gorilas se encuentran con que todos los fracasos, todas las atrocidades cometidas, todas las mentiras que dijeron, se les vienen encima”<sup>21</sup>, a organização entendeu que era hora de voltar e reiniciar a luta e preparar a *contraofensiva*.

A postura da organização era a de que a Copa seria um momento para os turistas e jornalistas estrangeiros conhecerem os problemas do país, como define a consigna apresentada como justificativa para não apoiar o boicote: “Cada espectador del Mundial un testigo de la Argentina real”.<sup>22</sup>

Em seu livro *Fuimos soldados. Historia de la contraofensiva Montonera*, Marcelo Larraquy descreve o clima envolvendo a questão:

Mientras la comunidad de exiliados discute se debe boicotear la organización del campeonato de fútbol porque puede significar una victoria política de la dictadura militar, o festejar los goles argentinos sin sentirse traidores, Lazarte le ofrece a Montoneros volver a la Argentina. Dice que él puede interferir los canales de televisión y propagar los discursos revolucionarios del comandante Mario Firmenich durante los partidos del Mundial. (LARRAQUY, 2011)

A proposta de retornar não foi uma unanimidade entre os exilados: “En el orden de la militancia hubo también una enorme discusión a propósito de la ofensiva, la contraofensiva de los Montoneros, (...) que yo creo que no tenía la más mínima posibilidad de tener simpatía en el medio de la gente (...)”.<sup>23</sup> A questão levantada não era apenas a segurança de voltar ao país, mas também como ficaria a imagem da organização perante a população que queria viver a festa da Copa sem conflitos, como um momento esperado por tantos anos.

---

<sup>20</sup> Memoria Abierta, *Testimonio de Nicolás Casullo*, Buenos Aires, 2005.

<sup>21</sup> Movimiento, número 5. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, janeiro 1978. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Memoria Abierta, *Testimonio de Rolando Concatti*, Mendoza, 2008.

O objetivo era aproveitar a Copa para iniciar as ações de retorno, e aproveitar o evento “ya que todo el mundo nos estará mirando durante el Mundial, debemos aprovechar para hacernos oír por televisión en colores entre centenares de millones de hombres de todo el mundo”.<sup>24</sup> Em um documento sobre a apresentação oficial da *Comisión Especial Mundial 78 del Movimiento Peronista Montonero*, explica-se que, apesar de não boicotarem a Copa e entenderem que a mesma é um momento do povo argentino, “(...) el hecho de que nos opongamos a la realización del Mundial no significa que aceptemos pasivamente la forma en que el gobierno militar pretende realizarlo”.<sup>25</sup>

No dia 06 de junho, durante o jogo contra a França, na prisão em La Plata a transmissão foi interrompida pela *Marcha Peronista* e um discurso do líder Fermenich. A ação, a principal durante a Copa, gerou consequências para os presos:

(...) mi principal crítica a los Montoneros que es que no me dejaron escucharlo [a Copa]. Porque empezó el Mundial y los de La Plata, los de la cárcel de La Palta habían puesto los parlantes para que escucharas los partidos y a los 10 minutos se interfirió la, al partido y empezó una proclama a los Montoneros. ¡Genial! ¡Nunca más nos dejaron ningún partido! [risos]<sup>26</sup>

Em fevereiro de 1978, as ações já começavam no país. Em documento da Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires (DIPBA), aparece a descrição de panfletos que foram difundidos defendendo a realização da Copa:

Estos panfletos son de cuatro tipos diferentes, y em los cuales versa lo siguiente: panfleto 1: “Mundial '78, Argentina Campeón, sin milicos ni orejón, Movimiento Peronista Montonero”; panfleto 2: “Argentina Campeón, el pueblo apoya el Mundial no a la dictadura militar, Movimiento Peronista Montonero”; panfleto 3: “Argentina 78, Dictadura 0, Resistir es vencer, Movimiento Peronista Montonero”; panfleto 4: “Argentina Campeón, el pueblo apoya a la Selección y repudia a Videla y a Martínez de Hoz, Movimiento Peronista Montonero”.<sup>27</sup>

Algumas bombas foram posicionadas ao longo da competição em alvos estritamente militares, que foram abafados pelo regime e não geraram a repercussão esperada pela organização. Foi em 1979 que o projeto da Contraofensiva foi realmente colocado em prática, e o resultado foi desastroso para a organização, com a morte e captura dos *soldados*. (NOVARO e PALERMO, 2002)

<sup>24</sup> Movimiento, número 5. Órgano del Consejo Superior del Movimiento Peronista Montonero, janeiro 1978. Arquivo CEDINCI, Buenos Aires.

<sup>25</sup> Idem. A Comissão se dividiu em duas partes para divulgar seus objetivos na América e o outro grupo na Europa, Ásia e África.

<sup>26</sup> Memoria Abierta, *Testimonio de Ernesto Villanueva*, Buenos Aires, 2002.

<sup>27</sup> Archivo DIPBA, Mesa “D (s)”, Carpeta Vários, Legajo 11686.

### **3. Considerações finais**

Assim como a política, o futebol envolve paixões no Brasil e na Argentina. Quando associados, como foi o caso das Copas do Mundo aqui trabalhadas, o espaço esportivo se torna uma interessante fonte de análise de questões sociais. Neste caso, o ponto principal era questionar a ideia de uma esquerda/oposição homogênea durante as últimas ditaduras do Cone Sul. Como foi mostrado ao longo destas páginas, as tensões foram comuns, levando a intensos debates entre os grupo que se organizavam na luta contra os regimes.

Da mesma forma que não podemos considerar que todos os que celebraram e comemoram a Copa eram adeptos às ditaduras, criticá-las não era sinônimo de oposição aos regimes. As manifestações sociais eram múltiplas, como apresentado, e é importante considerar este caráter plural das sociedades em questão.

Ao mesmo tempo, também procuramos mostrar que tais eventos não devem ser interpretados desde um único ponto de vista, geralmente o do uso político feito pelas ditaduras, mas também são importantes outras leituras.

Dessa maneira, para o COBA o boicote à Copa de 1978 foi vitorioso. Mesmo sem a adesão da maioria dos exilados argentinos, o movimento ganhou proporções internacionais e foi uma importante oportunidade de denúncia do que ocorria na Argentina. O fato da ditadura também entender que a Copa foi favorável para melhorar, pelo menos em um primeiro momento, a imagem do país pode parecer contraditório. Este é um dos objetivos desta comunicação: mostrar que estas representações e interpretações foram múltiplas, e cada um a seu modo, ambos foram vitoriosos. Para os denunciantes, entre eles o COBA, a segurança que o evento transmitiu ao regime permitiu certa abertura a entrada de organizações, especialmente da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) da Organização dos Estados Americanos (OEA), que formalizou posteriormente com a visita em 1979 as denúncias contra o país. Foi também quando a situação argentina ganhou visibilidade no mundo, com a divulgação de testemunhos, da situação dos desaparecidos e dos exilados.

Portanto, este trabalho procura contribuir para o debate sobre a problemática das últimas ditaduras discutindo tensões, interpretações e conflitos entre os diversos grupos e atores sociais do período.

#### 4. Referencias bibliograficas

##### Fontes:

##### Arquivos:

Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC), Paris: Fundo Comité d' Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde en Argentine (COBA).

CEDINCI - Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas en Argentina.

Comisión Provincial por la Memoria – Archivo Dirección de Inteligencia de la Policía de la Provincia de Buenos Aires (DIPBA)

##### Entrevistas:

Daniel Aarão Reis Filho, entrevista concedida à autora no Rio de Janeiro, RJ, no dia 07/08/2011.

Eduardo Roberto da Silva. Entrevista concedida à autora em 27/07/2012, em São Paulo, SP.

Juca Kfoury, entrevista concedida à autora no dia 19/07/2011, em São Paulo, SP.

Memoria Abierta, *Testimonio de Ernesto Villanueva*, Buenos Aires, 2002.

Memoria Abierta, *Testimonio de Louis Joinet*, Buenos Aires, 2007.

Memoria Abierta, *Testimonio de Nicolás Casullo*, Buenos Aires, 2005

Memoria Abierta, *Testimonio de Rodolfo Mattarollo*, Buenos Aires, 2003.

Memoria Abierta, *Testimonio de Rolando Concatti*, Mendoza, 2008.

##### **Bibliografia citada:**

FRANCO, Marina. “Derechos humanos, política y fútbol”. *Entrepassados*. Buenos Aires, v.XIV, nº 28, 2005, p. 27 - 45.

\_\_\_\_\_. “Exilio, dictadura y memoria”. *Anuario de Rosario*. Rosario, v.20, 2005b, p.119 - 146.

\_\_\_\_\_. *El exilio. Argentinos en Francia durante la dictadura. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.*

LARRAQUY, Marcelo. *Fuimos soldados. Historia Secreta de la Contraofensiva Montonera*. Buenos Aires: Punto de Lectura, 2011.LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos*. Buenos Aires: Asc. Madres de Plaza de Mayo, 2005.

\_\_\_\_\_. "Documento/Monumento". In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos*. Buenos Aires: Asc. Madres de Plaza de Mayo, 2005

MAGALHAES, Livia G. “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”. Tese de Doutorado defendida no PPGH UFF, Niterói, 2013.

NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *Historia Argentina v. 9 – La dictadura Militar 1976/1983, del golpe de Estado a la restauración democrática*, Buenos Aires: Paidó, 2003.

QUADRAT, Samantha. V. “A emergência do tema dos direitos humanos na América Latina” In FICO, C. et all (orgs.). *Ditadura e democracia na América latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderlei. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.